

Sobre as relações de gênero na Educação Matemática

About gender relations in Mathematics Education

Augusta Aparecida Neves de Mendonça
auganm@yahoo.com.br

SOUZA, M.C.R.F.; FONSECA, M.C.F.R. *Relações de gênero, Educação Matemática e discurso: enunciados sobre mulheres, homens e matemática*. Belo Horizonte, Autêntica, 2010. (Coleção Tendências em Educação Matemática).

O livro é um convite à reflexão sobre as desigualdades nas complexas relações de gênero que se interpõem nas práticas educativas, em particular no campo da Educação Matemática. As autoras, ao eleger as tensões que se estabelecem nas relações de gênero e que envolvem conhecimentos e práticas matemáticas, buscam compreender como essas relações, especialmente as que se constituem no campo da Educação Matemática, se expressam no cotidiano escolar. Salientando o caráter discursivo nelas presente, elas assumem a perspectiva foucaultiana segundo a qual o discurso encontra o seu lugar em práticas sociais, nas quais múltiplos discursos disputam espaços para se afirmarem como verdadeiros, e entrelaçam os conceitos de gênero, discurso e numeramento.

Por meio da análise de uma produção discursiva sobre mulheres, homens e matemática, questiona-se por que, ainda hoje, se posicionam os homens como “seres afeitos à razão” e as mulheres como “seres em falta”. Souza e Fonseca esclarecem que o material para essa reflexão vem da captura de acontecimentos da vida de alunas/os de um projeto de Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) de uma Associação de Catadoras e Catadores de Materiais Recicláveis e de outras vidas de mulheres e homens.

No primeiro capítulo, as autoras resgatam historicamente o surgimento e o desenvolvimento das discussões sobre gênero no campo das Ciências Sociais e nas pesquisas em Educação e Educação Matemática.

Os Estudos de Gênero designam uma temática que incorpora as relações entre mulheres e homens e tiveram como objetivo inicial discutir a subordinação das mulheres

aos homens. Mais recentemente, o conceito de gênero passa a ser assumido como uma construção social do que se constitui “masculino ou feminino”. Compreende-se, assim, o caráter relacional desse conceito, uma vez que o mesmo é produzido nas relações que se estabelecem entre homens e mulheres, relações essas quase sempre desiguais.

Estudos no campo da Educação apontam duas abordagens na incorporação do conceito de gênero em suas análises. Uma dessas abordagens afirma que o conceito de gênero se opõe à/ou complementa a noção de sexo biológico se referindo aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a(s) cultura(s) inscreve(m) sobre corpos sexuados. Já a outra abordagem utiliza o conceito de gênero para compreender os processos que estabelecem diferenças entre mulheres e homens e os distinguem como feminino e masculino, por meio de categorias: sexo, sexualidade, comportamentos, modos de vida, vestuários, julgamentos, como formas de construção social, cultural e linguística que nomeiam seus corpos.

Ao adotarem o conceito de gênero como categoria de análise no campo da Educação Matemática, as autoras reiteram a necessidade de estarmos atentas/os aos processos que nos tornam pessoas femininas ou masculinas e àqueles pelos quais instituímos identidades masculinas e femininas em nós mesmas/os e nas /os outras/os.

Dando sequência à análise do tema em questão, Souza e Fonseca, a partir do conceito de discurso, buscam compreender relações de gênero e matemática em práticas de numeramento e explicitam sua compreensão de tais práticas. Essas práticas são entendidas como uma ferra-

menta analítica, que permite compreender as relações e os modos como o conhecimento matemático, tomado como produção cultural, configura-se nas e configura as práticas sociais que se estabelecem em uma sociedade marcada por culturas escritas. Elas ressaltam que o objetivo de se compreender as relações de gênero que permeiam a constituição de práticas de numeramento de mulheres e homens e fabricam modos de “ser mulher” e de “ser homem” é não reduzir as análises de gênero na Educação Matemática ao estudo da “relação das mulheres com a matemática”.

As autoras, no capítulo três, discutem as relações de gênero envolvidas na circulação do discurso *Homem é melhor em matemática (do que mulher)*. Elas destacam que há uma intensa circulação de enunciados na sala de aula, nas oficinas, nas entrevistas, nas atividades da Associação que reforçam a superioridade masculina para a matemática, reafirmando o predomínio da racionalidade cartesiana nos modos de organização e valoração do conhecimento matemático. Circulam enunciados em que mulher é gentil, educada, dócil e requer cuidados e em que os homens, cuja natureza não é cuidar, são ousados e atirados. Tais enunciados configuram práticas de numeramento para mulheres e para homens, reservando a eles posições disponibilizadas por um modo de se comportar mais identificado com a racionalidade hegemônica.

No capítulo quatro, descreve-se o enunciado *Mulher cuida melhor, mas precisa ser cuidada* e discutem-se as práticas de numeramento femininas e masculinas que se relacionam à vida de mulheres e homens no espaço da casa e no espaço do trabalho. As autoras relevam que os modos de constituição dessas práticas são assimétricos, delegando às mulheres a responsabilidade por tarefas “indispensáveis, mas de menor relevância”, e naturalizam-se como femininas ou como masculinas, ao se afirmarem como práticas “próprias da mulher” ou “próprias do homem”. Nessas práticas, existem também relações de poder que procuram preservar um mundo organizado sob a ótica masculina, produzindo, portanto, uma matemática “como um campo de domínio masculino e o cuidado como pertencendo à natureza feminina” (p. 86).

Partindo do enunciado *O que é escrito vale mais*, no capítulo cinco, analisam-se as tensões entre o oral e o escrito como tensões relacionadas ao gênero, pois envolvem, além da hegemonia da escrita, a pretensa supremacia masculina em matemática, produzida discursivamente, seja nas práticas matemáticas que utilizam a escrita, seja nas que mobilizam apenas os recursos da oralidade. São examinadas as interações ocorridas em oficina realizada com catadoras e catadores de materiais recicláveis que teve como objetivo

discutir o relatório quinzenal das receitas e despesas da Associação. Durante a oficina, várias enunciações se referiram às vantagens do registro escrito, que conferiria a esse relatório maior legitimidade.

As autoras ponderam que, nas tensões entre uma matemática oral, esquecida pela escola, e uma matemática escrita, hegemônica, sobrevivem práticas de numeramento orais que mobilizam para cada situação uma estratégia específica e que, por isso, diferem das práticas de numeramento escolares escritas, que valorizam a generalidade, a padronização e o controle. O efeito do enunciado *O que é escrito vale mais*, e, portanto “a matemática escrita vale mais”, produz, naqueles e especialmente naquelas que não a dominam, *a falta, a busca de alguma coisa que não está lá*. Elas puderam observar, no material empírico, várias referências feitas pelas mulheres à capacidade masculina para as contas de cabeça.

Souza e Fonseca descrevem, no capítulo seis, o enunciado *Mulher também tem direitos* como uma reafirmação dos enunciados anteriores, uma vez que dizer que as mulheres têm direitos implica compreender que os homens sempre os tiveram. Esse enunciado repercute em situações diversas nas quais as catadoras se posicionam como “sujeitos de direitos” nas várias relações que ocorrem no espaço da Associação e as leva a assumirem que “sabem, podem, devem ou precisam” se inserir em outros espaços antes exclusivos dos homens. As práticas de numeramento – próprias de uma sociedade marcada pela quantificação –, as mulheres as vêm conquistando por meio de práticas sociais que lhes possibilitam inserir-se em espaços outros.

Hoje assistimos ao fortalecimento do discurso sobre a igualdade de gênero, que ainda disputa espaços e tensiona discursos hegemônicos, instaurados para garantir e perpetuar desigualdades de gênero. Discute-se, também, que a reflexão sobre gênero e matemática se desenvolve em uma sociedade na qual as ações de violência contra a mulher são históricas e que, mesmo com avanços legais nesse sentido, ainda são frequentes.

As autoras finalizam suas reflexões, retomando a análise empreendida anteriormente e afirmando que “as relações de gênero e matemática se produzem em discursos, que tensionam as práticas de numeramento, nelas se constituem e as constituem como práticas generificadas” (p. 123). Os enunciados descritos permeiam as relações entre gênero e matemática e fabricam fantasias e ficções sobre as mulheres e os homens e sobre a matemática que produzem e usam, funcionando como verdades impostas que devem ser identificadas, para que, no embate dos discursos, possam produzir-se novas formas de relação mais igualitárias e libertadoras de mulheres e homens.

Retomando as ideias de Foucault, para quem o sujeito pode ocupar posições diferenciadas no discurso, Souza e Fonseca concluem que “mulher e homem não são categorias fixas e universais” e as identidades de gênero são sempre produzidas em campos discursivos em disputa, não podendo atribuir a elas um caráter homogêneo, linear ou de essencialidade. Portanto, do seu ponto de vista, as relações de gênero atuam no modo como as pessoas lidam com a matemática e nos modos como vemos e narramos as diferenças entre mulheres, homens e entre as práticas sociais em que se engajam.

A análise e a discussão, ao mesmo tempo eficientes e apaixonadas a respeito das relações de gênero e matemática, levam o leitor da obra a constatar que o texto é uma bela contribuição à ideia de que são necessárias mudanças nos modos de olharmos as vidas de mulheres e homens nos espaços de nossas salas de aula e em tantos outros espaços; vidas essas muitas vezes presas, ameaçadas, entrelaçadas em relações de poder, saber e verdade.

Submetido: 20/11/2011

Aceito: 13/06/2012